Revista Pax Domini é licenciada sob
uma Licença Creative Commons.

SABEDORIA, SUAS VERDADES SÃO NECESSÁRIAS: UMA ABORDAGEM AGOSTINIANA

Adriana Bittencourt Portes[1]
Marilina C. O. Bessa Serra Pinto[2]

Resumo

Trata-se de relatar um estudo sobre o conceito de Sabedoria pelo viés agostiniano, como também, as implicações da abordagem agostiniana em uma relação direta entre sabedoria, a ética cristã e a ciência. Analisaremos a sabedoria agostiniana como um caminho em direção a Beatitude, observando qual sua pertinência ontológica enquanto substância metafísica localizada acima da alma e abaixo de Deus, compreendendo o conceito de Sabedoria por sua origem divina, ao alcance de todos, imputando ao homem um conhecimento substancial para livrá-lo das perturbações terrenas.

Palavras-chave: Sabedoria, Beatitude, Ética, Ciência.

Abstract

This is about to report a study on the concept of Wisdom by the Augustinian bias, as well as the implications of the Augustinian approach in a direct relationship between Wisdom, Christian ethics and science. We will analyze the Augustinian Wisdom as a path towards Beatitude, noting its ontological pertinence as a metaphysical substance located above the soul and below God, understanding the concept of Wisdom by its divine origin, within the reach of all, imputing to man a substantial knowledge to deliver him from the earthly troubles.

Key-words: Wisdom; Beatitude; Ethics; Science.

[1] Graduada em Ciências Contábeis (1997), especialização em Filosofia da Educação pelo Instituto Federal do Amazonas (2016). Graduanda na Licenciatura em Filosofia e Pós-graduanda na Especialização em Ética da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: portesbadriana@gmail.com Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br 4123173744950974;

[2] Graduada em Filosofia (1990), doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Professora Associada I, lotada no Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas; Líder do Grupo de Pesquisa OIKOMENE – Religião, Cultura, Imaginário. e-mail: marilina-pinto@ig.com.br Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br 8482510161447799

Introdução

Quando abordamos estudos realizados tendo como fulcro a obra de Santo Agostinho, (354-430 d.C.), um dos maiores patriarcas da igreja católica, cuja poderosa obra ergueu-se sob a égide da herança greco-romana, já em diálogo bastante avançado com os preceitos morais cristãos, observamos uma miríade de temas vinculados à Beatitude e à busca da felicidade, observamos que esta, por sua vez, leva a uma quantidade enorme de vertentes que desembocam na busca pela solução das angústias humanas, porém dentro da rica obra agostiniana, encontramos também assuntos relacionados à educação, moral, ética e à sabedoria, que dentre estes, segundo Agostinho, quando bem empregada é a que pode aproximar o homem de Deus, fim último do desejo humano.

A sabedoria é nutrição para a alma, fonte de pacificação e aprimoramento, algo pleno que irá levar à felicidade. A sabedoria está acima da alma e abaixo de Deus, deste modo pretendemos investigar na filosofia agostiniana, o problema da sabedoria: De onde provém? Em que medida pode ser útil ao homem? Quais as condições necessárias ao seu cultivo? Assim percorreremos brevemente nesta pesquisa o itinerário de um filósofo cristão ocupado com questões éticas, cujas soluções apresentadas para o problema do bem-viver marcaram toda a cristandade medieval e ocupam lugar importante na História do Pensamento Ocidental.

No contexto da obra agostiniana, a pesquisa pretende investigar o que está além da vontade do indivíduo que o faz ser capaz de deixar todas as suas convicções primárias, posses ou vícios, para encontrar a Beatitude. Segundo Agostinho, a Sabedoria, com letra maiúscula, é o caminho para alcançar a Beatitude, porém como poderemos alcançar a Sabedoria? Como ela torna-se um caminho para alcançar a Beatitude? A Sabedoria estaria além da Beatitude? Isto nos leva a pensar sobre o papel da filosofia na existência humana. O que a sabedoria introjeta no homem, para que ele tenha ciência que os vícios, as posses e as convicções são passageiras e ineficazes? A Filosofia aqui se coloca como instrumento eficiente para fomentar um estudo que leve ao que é mais caro aos filósofos, o caminho que conduz à Sabedoria.

O itinerário proposto por Agostinho em suas tessituras filosóficas é tido como um dos mais belos manifestados na História da Filosofia Ocidental para esta trilha de

descobertas. Filósofo da interioridade, Agostinho inaugura uma vertente metodológica nova em termos literário-filosóficos quando pretende, na sua maior obra, "*Confessionum, livri tredecim*" - *Confissões*, falar dos homens e da sua relação com Deus a partir da sua própria experiência. Neste escrito autobiográfico, o autor ao narrar, refaz os acontecimentos mais importantes de sua vida, desde sua infância africana, passando pela sua formação escolar, até chegar ao acontecimento mais importante, sua conversão ao cristianismo, tarefa que sua mãe Mônica se dedicou com zelo e ardor, no entanto, tal adesão não se deveu ao apelo materno, mas ao estudo da Filosofia, sobretudo, a obra *Hortensius* de Cícero, que sensibilizou Agostinho para o problema da sabedoria e da felicidade, concomitantemente a Beatitude, entendida aqui como vida plena, e de outras questões éticas, as quais giram em torno desse tema, tudo isto somou-se à experiência pessoal, turbulenta e frustrada vivida na época da juventude. Curioso salientar que a filosofia do período helenístico já se apresentava muita próxima de um apelo religioso devido a uma série de mudanças e influências sofridas no contato com os Impérios Macedônico e Romano. O mérito de Agostinho que o coloca na lista dos filosóficos Clássicos do Ocidente, foi à empresa na qual se lançou corajosamente, de empreender a síntese da herança greco-romana com o pensamento cristão, e o que se pretende neste trabalho é o cotejo nas obras, "*De Beata Vita*" – *Sobre a vida feliz*, "*De Trinitate*" – *A Trindade*, "*De libero arbítrio*" – *O livre-arbítrio*, "*Soliloquia"* – *Solilóquios*, e "*De quantitate animae*" – *A grandeza da alma*.

1 Contextualização

Aurelius Augustinus Hipponensis, também conhecido como Santo Agostinho é considerado um dos fundadores da estrutura eclesiástica e criador dos fundamentos administrativos rudimentares da igreja católica, assim como um exíguo educador, homem de arguta inteligência, grande retórico e gramático, pertencendo ao rol da Patrística Cristã. Suas obras dão conselhos tanto para aqueles que trilham na senda da vida monástica eclesiástica, como para aqueles que convertidos, procuram o

entendimento da nutrição da alma em detrimento das afetações da carne e purificação da alma.

Agostinho nasceu em Tagaste, uma antiga cidade da Numídia no Norte da África no ano de 354 d.C. e faleceu em 430 d.C. em Hipona também na Numídia atual Argélia. Foi um filósofo do final da Idade Antiga e início da Idade Média, se levarmos em consideração o saque de Roma pelas hordas bárbaras em 476 d.C. como início da Idade Média. Agostinho era um cidadão romano filho de Mônica, uma cristã praticante e de Aurélio Patrício, um pagão que foi convertido ao cristianismo no leito de morte. Agostinho como cidadão romano utilizava sua língua materna, o latim, de fato, ele recusou-se aprender grego, tida como língua pagã e menor. Iniciou seus estudos nos escritos cristãos, por insistência de sua mãe que sempre almejou sua conversão, porém logo se enfadou com o texto bíblico. Foi à procura do conhecimento nos grandes clássicos da antiguidade, Virgílio, Terêncio e Cícero. A obra que abriu caminho para o estudo da filosofia na vida de Agostinho foi *Hortensius*, obra perdida de Cícero o jovem, que foi político e também eleito Cônsul romano, além disso, Cícero era um grande retórico, suas obras eram obrigatórias para quem estudava no Império Romano.

Levado a Cartago por Romaniano, amigo de seu pai e posteriormente seu protetor, Agostinho estuda retórica tornando-se professor. Volta para Tagaste para lecionar retórica e gramática, acompanhado de uma esposa e de um filho, Adeodato. Seu casamento é desfeito devido à diferença de classe entre ele e a mãe de Adeodato, concomitantemente seu pai sofre uma grande perda financeira, assim Agostinho volta para Cartago onde trabalha como professor por um curto período. Posteriormente vai morar em Roma e depois estende sua jornada até Milão, onde recebe uma Cátedra em Retórica. Sua mãe Mônica encontra-o em Milão onde percebe a derrocada no comportamento de Agostinho, desiludido, infeliz e frustrado por não encontrar o que mais almejava: o conhecimento verdadeiro, aquele mesmo anunciado por Cícero em *Hortensius*. Mônica incentiva Agostinho a frequentar as pregações de Ambrósio, arcebispo de Milão e pessoa influente da igreja cristã. Agostinho impressiona-se pela eloquência de Ambrósio, o que abre caminho para sua conversão em 386 d.C.

> Admirava-me muito ao recordar diligentemente quão longo fora o período de tempo decorrido após os dezenove anos, idade em que começara a arder no desejo da Sabedoria, propondo-me depois de obtê-la abandonar toas às esperanças frívolas e todas as loucuras enganosas das vãs paixões. Porém, chegado já nos trinta anos, continuava ainda preso ao mesmo lodo de gozar dos bens presentes que fugiam e me dissipavam.[3]

A busca pela sabedoria era uma necessidade premente na vida de Agostinho, além de estudar os retóricos, os antigos filósofos e historiadores romanos, dedicou parte da sua vida a filosofia de Mani ou Maniqueu, um religioso e filósofo da Pérsia, atual Iraque, o qual fundou o maniqueísmo, uma religião gnóstica que se espalhou desde a fronteira da China até o Norte da África. Agostinho foi por muito tempo um maniqueísta, onde procurou as respostas que tanto ansiava sobre a sabedoria. O maniqueísmo tinha deixado marcas duradouras no Ocidente, os seguidores do maniqueísmo foram perseguidos pelo Império Romano e Maniqueu foi crucificado no século III d.C., na época do Imperador Diocleciano. No século IV e V houve uma retomada dos ensinamentos dos gnósticos primitivos que ofereciam uma série de respostas sobre fé, sabedoria, morte, cosmologia e os mistérios da vida que unia o zoroastrismo, budismo e hinduísmo, um conhecimento que mostrava várias perspectivas sobre a vida e a morte. Após a conversão para o cristianismo, Agostinho se oporia ao maniqueísmo o qualificando como herético.

Antes da conversão, em sua juventude Agostinho também se interessou pelos neoplatônicos sendo um estudioso fiel de Plotino, um filósofo egípcio que viveu no século III d.C.. Através de Plotino, Agostinho teve contato com algumas obras do filósofo grego Platão, mesmo que pela perspectiva de Plotino, ou seja, de segunda mão com um viés oriental e traduzidas para o latim. Não se sabe ao certo quantas e quais obras de Platão foram lidas por Agostinho, porém devido seu relato nas obras '*De Trinitate*' e '*De Libero Arbitrio*' acredita-se que Agostinho pelo menos tenha lido as obras '*Timeu*' e '*Mênon*', visando o estudo da cosmologia e da distinção entre o domínio físico e o domínio da alma, principalmente no que tange à ideia do que Platão denomina *Demiurgo* como inteligência formadora de tudo que há. Mas, em nenhum momento Agostinho parece

[3] AGOSTINHO**,** Santo. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira Santos e Ambrósio Pina. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 120.

corroborar com Platão no que se refere a uma explicação sobre a coexistência da alma e o corpo e como a alma permanece e retorna com suas reminiscências, pois Agostinho nunca esteve preocupado com a metafisica que explicaria a alma em sí, ou o que une corpo e alma como Platão apresenta, por exemplo, no *Fédon*. Aqui um comentário realizado por Agostinho em sua obra *A Trindade*:

> Eis por que Platão, aquele ilustre filósofo, esforçou-se em fazer-nos acreditar que as almas humanas já viviam neste mundo, inclusive antes do nascimento dos corpos. [...] Ora, se fossem apenas recordações de conhecimentos anteriores (questão da reminiscência da alma), nem todos nem mesmo uma maioria que fosse, poderia se lembrar ao serem interrogados sobre esse determinado assunto (escravo de Mênon sobre geometria). Pois nem todos devem ter sido geômetras na vida anterior, visto que esses são tão poucos entre os homens que dificilmente se encontra alguém. Assim é preferível acreditar que a natureza da alma intelectiva foi criada de tal modo que, aplicada ao inteligível segundo sua natureza, é tendo assim disposto o Criador, possa ver esses conhecimentos em certa luz incorpórea de sua própria natureza. Assim acontecesse com o olho do corpo que vê os objetos que o cercam na luz natural, pois, pode-se acomodar a essa luz, já que para ela foi feito.[4]

Agostinho também não corroboraria teorias que fossem ameaçar sua explicação sobre a trindade divina, Pai, Filho e Espírito Santo, as 'três ações atuantes em consonância e unânimes em uma criação'.[5] Enfim Agostinho foi um sacerdote, um estudioso, um filósofo e homem de elevada fé. Após a sua conversão foi, a filosofia e a fé que o moveram por maior tempo na senda que o levou à Sabedoria. Lembremos então que Agostinho está interessado em:

1. Uma cosmologia:[6]
   a. Ordenação e estrutura do universo.
   b. O criador deste universo, o 'algo' que o ordenou com perfeição.
2. A Beatitude / Sabedoria: (Agostinho, *Confissões* – Parte II, Livro X, 2, 6-12, 26, 40 e 43).
   a. Ontológica - a natureza da beatitude / Sabedoria, da onde ela vem?
   b. Epistemológica – o que é a beatitude / Sabedoria?

[4] AGOSTINHO, Santo. **A Trindade.** Coleção Patrística Vol 7. Tradução Monjas Beneditinas, Mosteiro de Maria Mãe do Cristo – Caxambu (MG). São Paulo: Paulus, 2005, p. 390.
[5] AGOSTINHO, 2005, p. 447.
[6] AGOSTINHO, 1973, Parte II, livro XII, 6-8.

c. Como alcançar a beatitude / Sabedoria?

d. A beatitude / Sabedoria está à disposição de todos?

3.A moral: (Agostinho, *Confissões* – Parte II, Livro XIII, 2, 5, 7, 10, 21, 26, 29 e 35).

a. Corpo ético, que abriga a alma em paz.

b. Uma vida plena.

c. Uma morte tranquila e sem medo.

4. Sabedoria versus Ciência. (Agostinho, *Confissões* – Parte I, Livro IV, 13. Livro V, 10-12, Livro VII, 10, 18, 21. Parte II, Livro X, 2, 8-9, 26, Livro XIII, 16, 21, 23, 33).

a. Sabedoria = contemplação = razão superior.

b. Ciência = ação = razão inferior.

Ressaltamos que Agostinho, apesar da conversão ao cristianismo e de dogmatizar e doutrinar parâmetros da igreja católica é também reconhecido por deixar um legado filosófico, o qual irá encaixar-se nas necessidades tanto da igreja nascente, como também irá sustentar sua ânsia pessoal por conhecimento e autoconhecimento, além de espargir sobre seus leitores a esperança de que todos podem encontrar a Beatitude após trilhar o caminho árduo que leva à 'Sabedoria'. Agostinho assinala que qualquer um que realmente deseja desprender-se das necessidades do mundo alcançará o resultado almejado.

> [...] O que ele (Agostinho) procura é um bem cuja posse satisfaz todo desejo e, por consequência, confere a paz. De início este eudemonismo fundamental indica que a filosofia foi imediatamente e permanecerá, para Santo Agostinho, como a investigação especulativa de um conhecimento desinteressado pela natureza. Sobretudo o que inquieta. Agostinho e o problema do seu destino, para ele, esta é toda a questão, procurar se conhecer para saber o que é preciso fazer a fim de ser melhor e, se possível, a fim de bem ser.[7]

Vemos aqui uma relação com a '*eudaimonia'* grega, traduzida por felicidade, o espírito habitado pelo *daimônio*, ou gênio que no caso de Agostinho deve visar o bem, ou simplesmente um bem-estar com o encontro da Sabedoria. Este encontro se dará através das obras agostinianas onde é possível apreender conceitos éticos como: moral, educação, coragem, pecado, mal, conhecimento, Sabedoria e Beatitude. Dentre estes

[7] GILSON**,** Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho.** Tradução: Cristiane Negreiros Ayoub. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 17.

conceitos, a sabedoria surge como ápice da capacidade da alma, um meio para alcançar a Beatitude e aproximar-se de Deus. A Sabedoria eleva a alma humana ao caráter de iluminação divina, aqui a dimensão ética dialoga com a teoria do conhecimento, ou seja, acessar uma instância a qual Agostinho considera destinada as pessoas que possuem, além da fé, uma capacidade de abstração, análise e entendimento superior. Uma forma de fruição do divino que torna a alma participante da Sabedoria, a qual Agostinho afirma originar-se de uma substância superior, onipresente, onisciente e onipotente. Veja seu comentário na obra *De libero arbítrio*:

> Os homens podem não concordar quanto à natureza do conhecimento beatificador que é a sabedoria, mas todos concordam em ver na sabedoria um conhecimento que confere a beatitude. Assim, quer se trate da ordem teórica ou da ordem prática, do número ou da sabedoria, as verdades são conhecimentos necessários, imutáveis e comuns a todos os espíritos que as contemplam simultaneamente.[8]

Ele não se refere diretamente ao *Belo* de Platão, nem ao *sumo Bem* de Aristóteles, aquele Bem o qual todos os homens desejam alcançar que é a Felicidade, mas ele resume todos estes predicados a um único ser ao qual ele denomina Deus e utiliza a tese dos antigos gregos, subtraindo as crenças, as quais Agostinho considera pagãs e heréticas, para embasar sua teoria. Este embasamento se dá ou de segunda mão, como citamos acima, Platão através de Plotino, ou pelo conhecimento que ele adquiriu em sua juventude estudando os clássicos antigos em latim. A busca pela felicidade, pelo ideal da Sabedoria ou por algo maior do que o homem que é capaz de criar o universo e todas as coisas que há, é uma busca que se origina no cerne da cultura grega, egípcia, persa, suméria e de todos os povos que circundaram o Mediterrâneo e o distante Oriente. Como homem do final da Idade Antiga e início da Idade Média, o filósofo não está imune a esta influência. Agostinho encadeia os conceitos de sabedoria filosófica e Beatitude e todo o efeito consequente desta busca, o que ele mesmo define por felicidade ou encontro com

[8] AGOSTINHO, Santo. **O Livre Arbítrio.** Coleção Patrística Vol. 8. Tradução Monjas Beneditinas, Mosteiro de Maria Mãe do Cristo – Caxambu (MG). São Paulo: Paulus, 2015, p. 111.

Deus através da Sabedoria, estes são fatos na obra agostiniana, porém evitaremos uma visão proselitista da fé ou religião nesta pesquisa.

Em seu processo de conversão no ano de 386, período em que viveu aos arredores de Milão, na propriedade de seu amigo o gramático Verecundo, em uma localidade chamada Cassicíaco, atualmente Casciago de Brianza e posteriormente de volta a Hipona, escreveu diversas obras voltadas à formação do homem espiritual e do homem prático, elaborou conceitos, dogmas e doutrinas que são observados por seus contemporâneos como receitas para a vida que obedecem a uma perspectiva cristã.

Geralmente Agostinho utiliza a estrutura de diálogos, em sua maioria transcrições de conversas com seus, pupilos, parentes, amigos. Um bom exemplo é a obra "*De Beata Vita*" – *Sobre a vida feliz*, onde família, alunos e amigos estão reunidos em uma ocasião muito feliz, o aniversário de Agostinho em 13 de novembro, nesta ocasião está sua mãe Mônica, seu irmão Navígio, seus alunos e amigos, Alípio, Trigésio e Licêncio, seus primos Lastidiano e Rústico e seu filho Adeodato (a – não / Deodato – dado por Deus), nesta obra a sabedoria será também o mote do debate. Em "*Confessionum, livri tredecim*" – *Confissões*, Agostinho cita várias vezes Alípio, amigo mais chegado, '*Confissões*' também é biográfica relatando minúcias de sua vida desde a juventude até a conversão. Contudo, um de seus mais importantes seguidores, foi Evódio, presente em "*De libero arbítrio*" – *O livre-arbítrio* e em "*De quantitate animae*" – *A grandeza da alma*, amigo de infância também nascido em Tagaste na África do Norte e posteriormente também nomeado Bispo.

Com Evódio, Agostinho mantinha uma cordial atmosfera intelectual e espiritual, ambos discutiam uma miríade de assuntos relacionados aos conceitos de conhecimento, pecado, mal, ética, Sabedoria e Beatitude. Evódio traz ao diálogo força e vigor, como também embates filosóficos esclarecedores e argumentos que por hora reforçam, por hora desafiam a retórica de Agostinho. Em meio a estes diálogos, surge o conceito metafísico do que vem a ser a Sabedoria e como ela atua na alma humana. Novamente ressalto que não é discutido aqui o conceito metafísico sobre a origem da alma ou seu destino. Agostinho restringe-se ao desempenho da alma para alcançar a Sabedoria.

2 A alma com habilidade para o conhecimento

Em "*Soliloquia"* – *Solilóquios*, obra escrita no calor recente da conversão em 386, Agostinho elabora um diálogo entre ele e sua razão, a qual ganha personalidade própria para posteriormente manifestar-se em forma de um Deus admoestador e conselheiro. O método dialético é uma herança socrática / platônica, descoberta por Agostinho através de Plotino. Agostinho busca o conhecimento no âmbito gnosiológico, do grego '*gnosis'* conhecimento '*logos'* discurso, teoria do conhecimento, o objeto desta busca é a alma, a Beatitude e Deus. Há uma clara dualidade entre corpo e alma em *Solilóquios*. A alma encontra iluminação em Deus. "Deus Sabedoria, em quem, por quem e mediante quem têm sabedoria todos os que sabem."[9].

É necessário afastar a ignorância e os desejos terrenos para conhecer a Deus e chegar a Sabedoria. A razão é o mestre de Agostinho e ele elenca nos capítulos da obra o processo percorrido pela alma na busca de Deus pela inteligência. É a alma – *animus*, que possui a habilidade para o reconhecimento e o conhecimento. O trecho a seguir de *Solilóquios*, esclarece bem este conceito.

> O olhar da alma é a razão. Mas como não se segue que todo aquele que olha vê, o olhar correto e perfeito, isto é, ao qual segue o ato de ver, se chama virtude: a virtude é, então, a razão correta e perfeita. Entretanto o mesmo olhar não pode voltar os olhos, mesmo já são para a luz se não houver essas três coisas: a fé pela qual, voltando o olhar ao objeto e vendo-o se torna feliz; a esperança pela qual, se olhar bem, pressupõe que o verá; e o amor pelo qual deseja ver e ter prazer nisso.[10]

Sendo assim, podemos chegar à conclusão que Agostinho envia uma mensagem clara sobre como a razão age pela alma e sobre o corpo, reconhecendo todas as necessidades intrínsecas e extrínsecas do homem em sua existência terrena para um bem agir, o preparando para o conhecimento terreno, vida prática/práxis, e para sua existência não terrena, episteme. Assim podemos elaborar a seguinte argumentação:

a) A alma possui a habilidade de conhecer e reconhecer.
b) O homem deve se conhecer através da razão, pois possui uma alma.
c) Possuindo uma alma, reconhece e conhece tudo o que afeta neste mundo.

[9] AGOSTINHO, Santo. **Solilóquios.** A vida feliz Vol. 11. Tradução Adaury Fiorotti. Ed 5. São Paulo: Paulus, 2014, p. 16.
[10] AGOSTINHO, 2014, p. 31.

d) Contudo é a razão que comanda o corpo.
e) A razão é Deus.
f)A Sabedoria é conhecer a si mesmo e conhecer a Deus.
g) Logo, conhecer a si mesmo leva ao conhecimento de Deus dentro de si.

Após definir o que é razão, alma e como ela age no homem, Agostinho elabora uma explicação sobre a necessidade de galgar patamares para o entendimento deste conhecimento e reconhecimento ambos, agindo sobre o homem através da razão. O reconhecimento está ligado à nossa vida terrena, mas o conhecimento é algo abstrato / metafísico. Assim ele explica o que é o conhecimento: necessário, imutável e eterno.

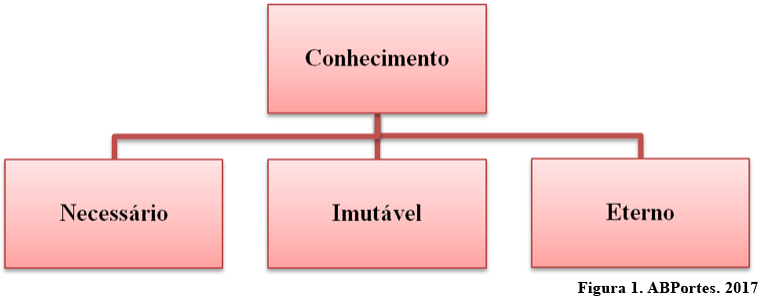

Figura 1 – Características do conhecimento. Fonte ABPortes. 2017.

Em seguida ela elenca os patamares para chegar ao conhecimento.

Graus do Conhecimento:

- Primeiro patamar: fé.
- Segundo patamar: conhecimento sensível.
- Terceiro patamar: evidência racional.
- Quarto patamar: conhecimento racional.
-

Mesmo contrariando a tese do comentador Étienne Gilson (Ver ponto 4.2.4, a frente), está classificação nos remete a Alegoria da Linha, demonstrada por Platão no livro VI da obra *A República – Politéia*. A Alegoria da Linha é apresentada por uma linha horizontal, dividida quase ao meio, o lado esquerdo é denominado Domínio Sensível – o local da experiência e do empírico; o lado direito é denominado Domínio Inteligível – o local do pensamento abstrato, metafísico e onde ficam as ideias.[11]

3 A Sabedoria Leva à Beatitude

Suposições Doxa	Fé	Entendimento	Ideias (SOL) BELO
Imagens	Objetos Sensíveis	Objetos matemáticos Abstrações	Inteligência

Domínio Sensível
Domínio Inteligível

Das obras visitadas, a mais esclarecedora no âmbito dos conceitos metafísicos na busca pela Sabedoria é *Confissões*, uma obra biográfica e ouso utilizar os termos anacrônicos, existencial e antropológica. Em *Confissões*, Agostinho vai tratar do tema filosófico visando sua própria experiência, enfatizando a busca pela Beatitude que é a Felicidade através do estudo das escrituras. Se pensarmos em um esquema lógico para o estado que proporciona à alma humana a capacidade de encontrar a sabedoria, teremos o seguinte resultado:

a) A vida moderada, voltada ao estudo (das escrituras) leva a contemplação.
b) A contemplação livra o homem das necessidades do mundo.
c) O estado de contemplação leva a sabedoria.
d) A Sabedoria aproxima a alma de Deus.
e) Deus é o teor mais puro da Sabedoria.

Para entendermos o conceito de Sabedoria agostiniano, de onde surge e quais as condições necessárias para seu cultivo, primeiramente devemos situar o conhecimento e sua função. Posteriormente é necessário entender a influência da Sabedoria sobre a alma e como é o processo de se livrar das necessidades do mundo, os vícios, as posses e as convicções mundanas. No livro II do *Livre-Arbítrio,* capítulo IX, Manifestações da sabedoria natural, Agostinho mantém um diálogo com Evódio e a certa altura Agostinho fala:

> [...] julgas que cada um dos homens sábios possui uma sabedoria particular? Ou, então, crês que haja uma única sabedoria à disposição de todos, como um bem comum, ao qual, quanto mais uma pessoa participa, mais torna-se sabia? [...]" (Agostinho, 2015, p. 106).
> E Evódio replica perguntando: "Mas ainda não sei de que sabedoria queres falar? " a medida que conversam Agostinho assinala que: "Está sabedoria é a verdadeira Sabedoria, na qual se contempla e se possui o sumo Bem. [12]

Agostinho enfatiza que aquele que abandona o caminho da vida que visa à Beatitude, ou que diz falsamente que a procura, mas não o faz, erra, e não está agindo com Sabedoria e quanto mais erra mais se afasta do caminho da Beatitude.

[12] AGOSTINHO, Santo. **O Livre Arbítrio.** Coleção Patrística Vol. 8. Tradução Monjas Beneditinas, Mosteiro de Maria Mãe do Cristo – Caxambu (MG). São Paulo: Paulus, 2015, p. 106.

> [...] Portanto, como é certo que todos queremos ser felizes, é também certo que queremos possuir a sabedoria. Pois ninguém é feliz com a posse do sumo Bem, cuja contemplação e posse encontram-se nessa verdade que denominamos sabedoria. [...].[13]
> [...] Basta que reconheças comigo e que me concedas como algo muito certo que essas verdades são como regras e espécie de luminares das virtudes; e ainda que essas máximas são verdadeiras e imutáveis, prestando-se, seja isolada, seja conjuntamente, como um objeto comum de compreensão a todos aqueles que podem perceber, cada um por meio de sua própria inteligência e razão. [...]. [14]

Antes de sermos felizes, já possuímos impresso em nossa mente a noção da felicidade, antes de sabermos o que é Beatitude idealizamos o que é a Beatitude, mas só saberemos de fato o que é a Beatitude e ou a felicidade através da Sabedoria. Logo a Sabedoria, não é particular a cada um, ela é um bem comum e supremo a todos. Pois qualquer um que tenha alma é capaz de perceber através da razão, pois todos que possuem inteligência são capazes de perceber a Sabedoria.

a) Sábios possuem sabedoria particular?
b) Se a sabedoria leva ao sumo bem. E o sumo bem leva à felicidade.
c) O fim da felicidade é encontrar a Beatitude. Sumo bem é comum a todas as almas, pois todos almejam um fim, que é a felicidade.
d) Beatitude pode ser alcançada por todas as almas, pois a alma tem a habilidade de conhecer e reconhecer através da razão.
e) Logo, a sabedoria não pode ser particular.
f) A sabedoria possuí níveis.
g) Sabedoria é comum e suprema a todas as almas.
h) Todas as almas conhecem e reconhecem através da razão.
i) A sabedoria e o conhecimento são universais, imutáveis e infinitas.
j) Contudo a sabedoria necessita ser desenvolvida.
k) Cada indivíduo possui um nível de sabedoria.

Neste ponto sabemos que Sabedoria é comum a todas as almas, não é particular e sim universal. Porém, nem todos alcançam a Sabedoria que leva a Beatitude, pois

[13] AGOSTINHO, 2015, p. 106.
[14] AGOSTINHO, 2015, p. 112.

cada um possui uma alma e uma inteligência, um processo cognitivo com vários níveis de desenvolvimento. Cada pessoa desenvolve a alma de forma diferente. Todos possuem conhecimento, mas nem todos possuem Sabedoria desenvolvida. Então chegamos a outro ponto discutido por Agostinho sobre a classificação hierárquica da Sabedoria de origem divina, onde ela se situa e porque nem todos a percebem. Para Agostinho, Sabedoria e Beatitude levam a Deus. Deus revela ao homem a Sabedoria, através da razão que é faculdade imutável, universal e infinita intrínseca a alma. Porém o homem utiliza a sabedoria do modo que lhe aprouver, e utiliza o conhecimento para as coisas da vida prática, onde ele adquire outro tipo de sabedoria, uma que na visão de Agostinho é inferior a Sabedoria com letra maiúscula que leva a Deus. Esta sabedoria, com letra minúscula, Agostinho chamará de ciência.

4 Sabedoria, Conhecimento e Ciência

Na obra "*De Beata Vita*" – *Sobre a vida feliz*, no Capítulo 1 no item 1.2, Agostinho explana sobre a filosofia e os três tipos de pessoas que podem ser acolhidas pela filosofia em busca da Sabedoria. Ele ressalta que a razão e a vontade podem conduzir ao porto da Filosofia, único ponto do qual é possível alcançar a felicidade, ou seja, ponto no qual o homem pode iniciar sua jornada à Sabedoria com letra maiúscula. Então Agostinho faz a classificação dos três tipos de navegantes na Filosofia. Aqui cabe um adendo, lembremos que Platão e muitos filósofos da antiguidade usavam analogias com navios, navegantes e mar, uma metáfora sobre a viagem que o homem faz no decorrer da vida e o processo que leva ao conhecimento - epísteme.

Primeiro tipo de navegante: aquele que alcançou a idade da razão e se refugia na tranquilidade, faz um bem que atinge o maior número de pessoas trazendo também para si a Felicidade.

Segundo tipo de navegante: aquele que é impetuoso e jovem, vaidoso e temerário, vai para longe do porto e enfrenta o alto mar, busca os prazeres e as honras: "enganados pela superfície falaciosa do mar".[15] Quando sua fortuna de sucesso sofre

[15] AGOSTINHO, 2014.

reveses, seguem para o porto onde leem os livros dos homens doutos e sapientíssimos, mas ficam presos a este porto e não há nada e nenhuma esperança que os tire de lá. Aqui podemos ver inclusive uma crítica aos acadêmicos que eram defensores do ceticismo da obra *Contra os Acadêmicos*.

Terceiro tipo de navegante: (estes podem ser oriundos dos segundos), aquele que está no limiar da adolescência do conhecimento, ou que já passou por muitas experiências e já erraram muito, ainda têm olhos para seguirem certos sinais, ainda conseguem voltar para a pátria, mesmo que demorem, mesmo que se desviem, mesmo que se sintam seduzidos por algum outro conhecimento. Mas atrasam o tempo da navegação, o mar os engana, erram com frequência e acabam por naufragar.

Então Agostinho adverte que qualquer um dos três navegantes pode ser enganado pela falsa felicidade, ou falsa sabedoria, que este aprendizado é frágil mesmo parecendo sólido. É um monte estupendo que pode prender o navegante no porto para sempre. Obviamente que aqui ele está se referindo ao conhecimento pagão dos antigos filósofos, os acadêmicos e ao maniqueísmo.[16]

Há três tipos de sabedoria:

a) Sabedoria disposição divina – Beatitude.

b) Filosofia ou Sabedoria a serviço de Deus. (Verdadeira sabedoria no âmbito do terreno da filosofia com conteúdo cristão).

c) Filosofia dos Antigos ou conhecimento herético. (Toda filosofia que não é Cristã, o que inclui a filosofia grega pagã).

Podemos fazer a seguinte relação entre navegantes e tipos de sabedoria:

1. Sabedoria ou Beatitude – afeta o primeiro navegante.

2. Filosofia ou Sabedoria a serviço de Deus – afeta o primeiro e terceiro navegante. Contudo o terceiro apesar de a perseguir não consegue apreendê-la.

3. Filosofia dos Antigos – pode afetar qualquer um dos navegantes.

Na obra "*De Trinitate*" – *A Trindade,* Agostinho separa muito bem o que é Sabedoria do que é ciência – conhecimento. Além de deixar claro que há a Sabedoria que surge

[16] AGOSTINHO, 2014.

pela contemplação, a filosofia que é voltada ao culto de Deus, ou está a seu serviço, e que há a Sabedoria que se configura como uma disposição divina. Vejamos este trecho de *A Trindade*.

> Agora, nossa dissertação deve ser sobre a sabedoria, não a de Deus a qual é sem dúvida o próprio Deus, pois o Filho Unigênito de Deus é chamado Sabedoria, (Ecle. 24,5 e 1 Cor. 1,24). Trataremos o tema da sabedoria do homem, mas da sua verdadeira Sabedoria, a que é segundo Deus. Constituí ela o verdadeiro e principal culto prestado a Deus, na língua grega, denominado *theosébeia*.[17] (traduzido pelo latim por piedade, para Agostinho é Sabedoria de Deus).

Ainda em "*De Trinitate*" – *A Trindade,* Agostinho é meticuloso em ordenar hierarquicamente os tipos de sabedoria e a diferença entre Sabedoria e ciência. Nos livros XII, XIII e XIV ele afirma que a ciência é a sabedoria das coisas e que há um processo de purificação desta sabedoria em direção a Sabedoria de origem divina para que o homem possa chegar à Beatitude. O trecho da obra *A Trindade* no livro XII, capítulo 14 e parágrafos 21b e 22 dão a conceituação.

> A ciência também tem o seu lado bom, se o que ela incha ou costuma inchar, for sobrepujado pelo amor às coisas eternas, pois esse amor não incha, mas como sabemos edifica (1 Cor. 8,1). Com efeito, sem a ciência, não se pode sequer adquirir as virtudes pelas quais levamos uma vida reta e governamos de tal modo esta mísera existência que conseguiremos alcançar a verdadeira vida feliz que é a eterna. Contudo há diferença entre a contemplação dos bens eternos e a ação que nos permite fazer bom uso dos bens temporais. **A contemplação** é atribuída à sabedoria e a ação à ciência.[18]

A ciência tem relação com a razão humana, chamada de razão inferior. É o conhecimento sobre as coisas temporais e mutáveis, ligadas ao fenômeno e ao sensível. Este estado é oriundo da imperfeição causada pelo pecado de Adão, o primeiro homem. (Agostinho, *A Trindade* – Livro. XII – capítulo 17).

> [...] Assim também, nesta outra espécie de misterioso e secreto casamento, que aconteceu e se pode notar individualmente no fundo de qualquer criatura humana, o movimento carnal ou, melhor, o movimento sensual da alma, que tende para os sentidos do corpo e que nos é comum com os animais, separa-se da parte da razão que se decida à sabedoria. Com efeito, os sentidos corporais

[17] AGOSTINHO, 2014, p. 437
[18] AGOSTINHO, 2014 p. 386-387.

> percebem os corpos, ao passo que a razão que se aplica à sabedoria é que tem a inteligência das realidades espirituais, eternas e imutáveis. Ora o apetite sensível é vizinho da razão que se aplica à ciência, visto que é sobre os próprios objetos temporais percebidos pelos sentidos do corpo que a ciência dita a ciência da ação, raciocina. Esse raciocínio é reto quando refere o seu conhecimento ao Sumo Bem tomando como fim último. [...].[19]

O pecado perturba os sentidos externos, conduz o homem a tomar decisões que são estimuladas por seus instintos básicos e vai contra as determinações de Deus. Também demonstra o apego do homem aos bens particulares, como a falsa felicidade, em detrimento dos bens coletivos, considerados superiores. A certa altura da obra A Trindade, ele faz a distinção entre a Sabedoria e o conhecimento, ciência, utilizando como base o evangelho de João 1,1-14, contudo a sua explicação nos dá um exemplo epistemológico da questão no livro XIII, capítulo 2:

> O que citei do Evangelho, trata na sua primeira parte do que é imutável e eterno, cuja contemplação nos traz a felicidade (Sabedoria). Na segunda parte, as realidades eternas encontram-se mescladas com as temporais. Assim, algumas sentenças referem-se à ciência, outras, à sabedoria, conforme a distinção feita anteriormente no Livro XII. Pois, No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus. No Princípio estava com Deus, tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito e tudo que existe. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam, são palavras relativas à vida contemplativa e devem ser meditadas com a inteligência espiritual. Quanto mais alguém progredir na **vida contemplativa**, tanto mais sábio tornar-se-á, sem dúvida alguma.[20]

Para encontrar a sabedoria trilhando na Filosofia é necessário o cultivo da vida contemplativa, mas não qualquer vida, e sim a vida voltada a busca da Sabedoria, deste modo podemos fazer paralelo com as admoestações de Aristóteles na obra *Ética a Nicômaco* no livro I, capítulo V.

> [...] Há então, três formas principais de viver a vida: aquela que foi agora mencionada (a dos prazeres mundanos), em segundo lugar a que é dedicada à ação política e, em terceiro lugar, a que é dedicada à atividade contemplativa. [...].[21]

---

[19] AGOSTINHO, 2014, p. 382-383.
[20] AGOSTINHO, 2014 p. 394.
[21] ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco.** Tradução do grego de Antônio de Castro Caeiro. São Paulo. Atlas, 2009, p.21-1095b14.

Ainda parafraseando Aristóteles: mas a melhor vida e mais completa é a vida contemplativa, a vida que só o filósofo verdadeiro alcança. Nem todos podem contemplar, mas todos podem ter uma vida moral. E aqueles que podem ter a vida contemplativa, não o podem fazer o tempo todo. As coisas são meios para atingir a felicidade, são meios que permitem que o sumo bem exista. (Ver ponto 4.2.4 a frente).

Voltando a Agostinho, temos então uma classificação sobre a relação do apetite carnal, a vida terrena e a razão inferior, derivada do primeiro humano, adquiriu o conhecimento apenas prático, visando a ciência no mundo sensível, aquela mesma ciência que apenas 'incha' e não edifica. Contudo a Sabedoria com letra maiúscula está relacionada à expressão de uma razão superior dedicada ao incorpóreo e ao eterno, ao inteligível e ao edificante, fica em uma categoria superior, segundo Agostinho. O conhecimento das coisas eternas dá acesso às leis de caráter, de ética e moral imutáveis e universais, que segundo Agostinho originam-se em Deus. São leis necessárias de cunho ético sendo que a Sabedoria é bem comum e supremo de todos. Agostinho destaca um rol de itens para alcançar a Sabedoria na obra *Livre Arbítrio*, nas páginas 112 e 113 onde mantém um diálogo com Evódio. São exemplos deste legado:

a) Viver conforme a justiça.
b) Subordinar coisas 'menos' piores às melhores.
c) Dar a cada um, o que lhe é devido.
d) Integro é melhor do que corrompido.
e) Eterno vale mais do que temporal.
f) Uma verdade é proposição necessária.

> [...] portanto, quanto verdadeiras e imutáveis são aquelas leis dos números, das quais, como dizias anteriormente, apresentam-se de modo imutável e universal a todos os que as consideram, e tanto são igualmente verdadeiras e imutáveis as regras de sabedoria. Algumas delas, eu as submeti especialmente a tua apreciação e te pareceram verdadeiras e evidentes. Concordaste serem elas comuns a todas as inteligências capazes de perceber.[22]

Para adquirir este conhecimento deve se ter uma dedicação ao estudo e superar a vida prática, exercer este movimento na época de Agostinho era visto com bons olhos,

[22] AGOSTINHO, 2015, p. 112-113

pois se possui tempo para a contemplação e para o estudo, para a fruição do inteligível, certamente se possui pessoas que fazem os trabalhos ordinários do dia a dia, o que demonstra a legitimação do sistema escravocrata oriundo da Idade Antiga e perpetuado em grande parte do período Medieval, diretamente vinculado ao poder, nobreza ou bens, mesmo que este não seja o objetivo final do estudo agostiniano.

Agostinho inclusive adverte que para usufruir verdadeiramente da fruição do estudo e da contemplação, é necessário passar pelo processo da vida prática e pelo mar revolto, pois a vida também proporciona experiências, mesmo a vida deformada pelo pecado, a qual ele conhecia muito bem. (Agostinho, *Confissões* – Parte I, Livro II, 3 – 7).

> [...] Ai de mim. Com me atrevo a dizer que estáveis calado, quando continuamente me ia afastando de Vós! Guardáveis, porventura, silêncio diante de mim? E quem eram, senão de Vós, aquelas palavras que, por meio de minha mãe, vossa fiel serva, pronunciastes aos meus ouvidos? Nenhuma delas, porém desceu ao meu coração, para cumprir o que ela me aconselhava. Lembro-me que, um dia querendo que me abstivesse da luxuria e sobretudo não cometesse adultérios, avisou-me em particular e com grande solicitude. [...].[23]

A ciência que ocorre no tempo e no espaço é instrumento para levar à sabedoria, a fruição desta sabedoria com o estudo árduo, e no caso agostiniano a fé também é de interesse da ciência, e a fé pode proporcionar a Sabedoria divina para as criaturas que estão presas ao sensível, pois a ciência e a fé corrigem o homem o levando a outro patamar, o qual Agostinho chama de Sabedoria ou Beatitude.

- A ação é movimento da vida diária – sabedoria para a vida prática – '*phronesis'*.
- O fim é levar a contemplação.
- Atingir a Sabedoria é reconciliar-se com o Criador. Episteme.

> Ora, assim como sois o Ser absoluto, assim também Sóis o único que possui a verdadeira ciência. Vós sois imutável na vossa existência, imutável a vossa sabedoria, imutável na vossa vontade. A Vossa essência sabe e quer imutavelmente; a Vossa sabedoria é e quer imutavelmente; a Vossa vontade imutavelmente é e sabe. Nem parece justo aos Vossos olhos que o ser mutável e por Vós iluminado conheça a luz imutável como ela se conhece a si própria.[24]

[23] AGOSTINHO, 1973, p. 47.
[24] AGOSTINHO, 1973, p. 297.

A sabedoria com ‘s’ minúsculo é um patamar, para alcançar a Sabedoria com ‘S’ maiúsculo de origem divina. A verdade que está velada pela ciência, a qual está presa no tempo e no espaço é revelada àquele que ‘atravessa a ponte’ em direção a Sabedoria divina.

5 Sabedoria: suas verdades são necessárias

Agostinho como estudioso leu Platão via Plotino e Aristóteles traduzido para o latim, contudo segundo Étienne Gilson, não encontrou em nenhum dos dois as bases para formular seu estudo sobre, razão, conhecimento e Sabedoria, esta última visando a Felicidade. Porém é fato que durante a Idade Média, período posterior a Agostinho houve uma cristianização da antiga Filosofia clássica grega, que criou vieses que levaram a concretização do ideal agostiniano para encontrar respostas sobre a alma e sobre Deus. A felicidade é o fim que todos os homens almejam, sendo também o que Agostinho persegue para o seu viver bem, nesta vida para prepara-lo quando encontrar Deus em outra vida. Longe de buscar uma explicação sobre a condição da alma nesta transição como Platão faz, alma antes da vida, alma depois da morte, Agostinho enfoca seus estudos na realidade de sua vida e daqueles que irão buscar em seus livros respostas para os problemas gerados na vida terrena, como saná-los e como chegar a Beatitude, fazendo com que todos os vícios e necessidades menores sejam dissipados durante esta jornada.

> Por mais nítida que seja em si mesma, tal conclusão levanta tantos problemas quanto resolve. Resulta daí que o intelecto humano, iluminado por Deus, é capaz de formar um conhecimento verdadeiro das coisas, que ele percebe com a ajuda dos sentidos. Logo há uma colaboração necessárias entre a iluminação divina, o intelecto humano e os sentidos corporais em nosso conhecimento das coisas exteriores e das verdades que se referem a elas. Mas, qual parte exata devemos atribuir a essas causas na formação de nossas ideias? Santo Agostinho vê a sensação apenas como uma ocasião para nos lembrar das ideias, tal como defendia Platão? Ou vê nele um tipo de matéria da qual nosso intelecto abstrai a ideia, como queria Aristóteles? Nem um nem outro, ao que nos parece.[25]

[25] GILSON, 2007, p. 172

Nem foi em Aristóteles, apesar de muito similar, de quem formulou o ideal da Felicidade Cristã, mesmo que haja uma relação com a Ética da Virtude, uma mediania no que tange a vida terrena e uma exaltação principalmente a evocação da temperança e da sabedoria.

> Comete-se um crime quando o movimento vicioso do espírito, onde reside à paixão, se atira arrogante e tumultuosamente, ou pratica-se uma infâmia quando a alma não referia os afetos donde nascem os prazeres canais. Assim, se a própria alma racional é viciosa, os erros e as falsas opiniões contaminam a vida.[26]

Independente de questões que remetem ou não a Platão ou Aristóteles, é inegável que o conceito elaborado por Agostinho é necessário no âmbito das verdades que cercam a Sabedoria, o conhecimento e a razão, as três composições da alma humana que agem em instâncias diferentes, contudo visando o mesmo objetivo, se extrapolarmos para o âmbito metafísico é inegável que Agostinho identifica estas verdades com Deus no interior e regendo o homem.

Outro processo estudado por Agostinho e enfatizado na obra *Confissões* é a memória, também mencionada na obra *Solilóquios*, onde guardar todo o conhecimento adquirido através da razão? No palácio da memória, uma questão relacionada aos episódios mentais, novamente Agostinho inova, indicando que é a memória que guarda o que a razão reconhece e conhece. Na memória acessamos a ciência e posteriormente a sabedoria verdadeira, caminho para o estudo das reminiscências, neste caso da lembrança de algo que pensamos estar perdido. Ver este trecho da obra *Confissões*, Parte II, Livro X, Cap. 8 - 13.

> O grande receptáculo da memória, sinuosidades secretas e inefáveis, onde tudo entra pelas portas respectivas e se aloja sem confusão, recebe todas estas impressões, para recordá-las e revistar quando for necessário. Todavia, não são os próprios objetos que entram, mas as suas imagens, imagens das coisas sensíveis, sempre prestes a oferecer-se ao pensamento que as recorda." "É grande esta força da memória, imensamente grande, ó meu Deus. É um santuário infinitamente amplo. Quem o pode sondar até ao profundo? Ora, esta potência é própria do meu espírito, e pertence a minha natureza. Não chego, porém, a apreender todo o meu ser. Será porque o espírito é demasiado estreito

[26] AGOSTINHO, 1973, p. 84.

> para se conter a si mesmo? Então ponde está o que de si mesmo não encerra?/ Estará fora e não dentro dele? Mas como é que o não contém?" [...].[27]

Agostinho construiu todo o seu legado filosófico sobre dois alicerces básicos, os quais ele posicionou de forma harmônica em uma estrutura lógica e hermenêutica que não permitiam contestação. São eles: Sabedoria e fé. Esta união foi propícia para criar todo o arcabouço onde se sustentou a igreja Cristã e os seguidores desta nova religião. De forma inteligente, argumentos sólidos e tendo como base a Bíblia, palavras inspiradas por Deus, Agostinho cria um dueto prolífero de ensinamentos que misturam Filosofia e Doutrina.

De acordo com a pesquisa, as verdades necessárias são:

- A alma possui a habilidade de conhecer e reconhecer através da razão.
- Sumo Bem é comum a todas as almas, pois todos almejam um fim, que é a Felicidade.
- Beatitude pode ser alcançada por todas as almas, pois a alma tem a habilidade de conhecer e reconhecer através da razão.
- Sabedoria é comum e suprema a todas as almas. Pois a Sabedoria e a razão são universais, imutáveis e infinitas.
- Ciência leva a sabedoria verdadeira, ainda no âmbito terreno.
- Sabedoria (com 's' minúsculo), verdadeira é um patamar para à Sabedoria de origem divina.
- Sabedoria (com 'S' maiúsculo) leva à Beatitude, que é a Felicidade, que é Deus.

Se retomarmos a Alegoria da Linha,[28] dividindo em duas partes a capacidade de entendimento do homem, entre o domínio sensível, o mundo empírico o qual vivemos e sentimos, e o domínio inteligível, onde ficam as ideias, constatamos que a transição entre os dois mundos exige raciocínio, a existência do ser racional. Se fizermos uma analogia com a filosofia agostiniana, teremos a seguinte relação:

- Ciência e Sabedoria (com 's' minúsculo) estão no domínio do sensível.
- Sabedoria de origem divina está no domínio do inteligível.

[27] AGOSTINHO, 1973, p. 201.
[28] PLATÃO, 2014, 509 d7

Logo na visão agostiniana, Deus, é o laço que ata as duas sabedorias, diferente de Platão que emprega o entendimento como a ponte entre os dois domínios. Deus é a ponte que deve ser atravessada para chegar à Sabedoria que leva à Beatitude e à Felicidade, e ainda sob a ótica agostiniana e se considerarmos a Trindade, onde Deus é ao mesmo tempo material e imaterial, ele é ao mesmo tempo carne e não carne, para Agostinho o que falta na filosofia de Platão é a mediação de um Deus entre o sensível e o inteligível. Por isso ele estipula que para a busca desta Sabedoria, é necessária fé para acreditar que está Sabedoria existe, esperança para manter a temperança na busca da Sabedoria e amor a Sabedoria, para que o processo do conhecimento seja prazeroso.

> Essa concepção particularmente agostiniana das relações da ciência com a sabedoria repousa sob uma dupla série de equivalências paralelas, que devem ser mantidas presentes no pensamento para compreendermos os textos geralmente muito complexos nos quais se exprime. De um lado, temos um conhecimento do intelecto ou da razão superior, voltado para as Ideias divinas da ordem da contemplação, fundado sobre um ato de submissão a Deus e beatificador: a sabedoria. De outro lado, temos um conhecimento da razão inferior, voltada para as coisas sensíveis, da ordem da ação, fundado sob um ato de avareza e degradante: a ciência.[29]

Assim, a busca pela Sabedoria divina, a qual leva a Beatitude requer alguns pré-requisitos, os quais não possuem uma ordem definida, porém são importantes.

- Fé para acreditar que esta Sabedoria existe.
- Esperança para manter a temperança na busca da Sabedoria.
- Amor a Sabedoria, para que o processo do conhecimento seja prazeroso.

Considerações Finais

Quase toda a Filosofia Agostiniana pode ser demonstrada na principal obra de Agostinho, "*Confessionum, livri tredecim*" – *Confissões*. A primeira conceituação filosófica agostiniana, envolvendo a Sabedoria, pode ser encontrada na Primeira Parte, Livro I, Capítulo II, sob o título 'Deus está no homem, o homem em Deus'. Ao fazer uma

[29] GILSON, 2007, p. 234-235.

invocação a Deus, ele demonstra o chamado do mortal contingente, solicitando a presença do imortal necessário. Neste trecho é bem presente a necessidade da fé para que a sabedoria verdadeira, ainda terrena seja utilizada para o entendimento de algo maior, conhecimento de que a Sabedoria divina está disponível a todos que a ela procuram com afinco. Assim podemos fazer o seguinte esquema:

a) Eu devo me conhecer.
b) A razão comanda meu corpo.
c) A razão é Deus.
d) A sabedoria é me conhecer para conhecer Deus dentro de mim.

Agostinho explica que Deus está em tudo e inclusive está contido no homem, ele diz no 'todo', mais adiante no Capítulo três, ele explica que o homem é um vaso, e que Deus se aloja neste vaso, ou seja, na Alma. É na alma que reside a sabedoria, ele usa uma metáfora bíblica para explicar metafisicamente como o homem submete seu pensamento na busca pela sabedoria verdadeira. Posteriormente ele retoma este tema alegando que: Deus está em tudo e em tudo penetra demonstração que Deus está contido na alma de todo homem. Ver trechos de *Confissões*, Livro I, capítulo 2 e Parte II, Livro X, capítulo 2.

> Por conseguinte, não existiria, meu Deus, de modo nenhum existiria, se não estivésseis em mim, ou antes, existiria eu se não estivesse em Vós, de quem, por quem, e em quem todas as coisas subsistem? Assim é Senhor, assim é. Para onde Vos hei de chamar, se existo em Vós? Ou donde podereis vir até mim? Para que lugar foi do céu e da terra, me retirarei, afim de que venha depois a mim o meu Deus que disse? Encho o céu e a Terra?[30]

A partir do Livro III nos Capítulos 3 a 6, Agostinho faz um apanhado de tudo que estudou, principalmente a retórica, este aspecto evidência sua fraqueza, a soberba e o orgulho, ao mesmo tempo demonstra que esta experiência foi enriquecedora para a descoberta da bíblia em posterior hora, quando de sua conversão. Assinala ainda que ele encontrou a Filosofia através de *'Hortensius'* obra de Cícero que respondia as questões filosóficas de Hortênsio, esta necessidade por conhecimento, a qual levava a sabedoria ainda terrena, fomentou o interesse de Agostinho por transpor as dificuldades,

[30] AGOSTINHO, 1973, p. 26.

mesmo que no início tenha se guiado pelo conhecimento que ele denomina herético dos maniqueístas. O importante é perceber que a busca pela sabedoria verdadeira, é recheada de obstáculos. É inegável que juntar-se aos maniqueístas, gerou um arcabouço, mesmo que de desilusão, segundo Agostinho, para que ele mesmo chegasse a conversão ao cristianismo. Toda a vida dele parece ter sido uma preparação para tal momento.

Por outro lado, a conversão em si é apenas um revés, outro desafio a ser transposto, ele não se conformaria com o que conhecia, precisava de um novo estimulo que demonstrasse seu 'orgulho' em idealizar e depois conquistar a verdadeira Sabedoria. Agostinho não deixa de agir como o filósofo ávido por conhecer e contestar, sobre tudo os antigos gregos e tudo que não é cristão. Esse recurso mostra-se vantajoso e tem um grande poder de engajamento dentre aqueles que procuram paz e equilíbrio na nova fé Cristã. O homem sempre procurou a Felicidade, o impacto das palavras agostinianas afirmando que a Felicidade e a Beatitude podem ser encontradas através da Sabedoria, a qual está ao alcance de todos aqueles que a buscam com afinco é arrebatadora e de difícil contestação. Apesar de ser similar com um sistema filosófico, onde Deus surge como mediador entre o a sabedoria inferior e a Sabedoria superior/divina, Agostinho não formulou um sistema e sim teve seus estudos revisitados na Idade Média, a qual se preocupou em criar um sistema agostiniano.

Gilson, alerta que a intenção de Agostinho nunca foi criar um método ou sistema para o encontro da Beatitude, isso coube aos estudiosos da Idade Média.

> De fato, Agostinho jamais tentou construir sistematicamente o edifício da sabedoria cristã, nem realizar a síntese da contemplação e da ciência de que muitas vezes ele proclamou a necessidade. Tendo colocado os dados do problema, ele deixou para a Idade Média a solicitação de possuir a solução.[31]

Contudo, é fato que a Sabedoria foi mote central na busca de Agostinho. Se, a princípio, ainda como estudante e depois como maniqueísta ele ansiava pela Sabedoria que daria respostas para as questões da vida e da morte, depois da conversão sua busca foi pela Sabedoria que o faria viver a 'vida bem vivida' a vida do 'Bem', o preparando

[31] GILSON, 2007, p. 236.

para a vida do ‘além vida’ quando encontraria Deus, esta era sua obsessão, a qual fez compreender que as necessidades terrenas e carnais, apenas o atrasavam na busca pela compreensão do que era a alma e sua função na razão que é intrínseca ao humano. Conhecer a si mesmo para reconhecer o Deus que há em seu íntimo era o mote da Sabedoria que Agostinho tanto procurava. Neste sentido podemos elencar as principais características que levam a Sabedoria divina.

1º. Encontramos a capacidade da alma de reconhecer e de conhecimento através da razão.
2º. A razão é uma manifestação divina na alma humana.
3rd. O conhecimento possui patamares.
    a. Fé.
    b. Conhecimento sensível.
    c. Evidência racional.
    d. Conhecimento racional.
4º. O conhecimento voltado para a vida prática é a ciência.
5º. A ciência que visa a sabedoria verdadeira leva a Sabedoria Verdadeira / Divina.
6º. Para encontrar a Sabedoria Divina que leva a Beatitude existe um processo:
    a. A vida moderada, voltada ao estudo (das escrituras) leva a contemplação.
    b. A contemplação livra o homem das necessidades do mundo.
    c. O estado de contemplação leva a sabedoria.
    d. A Sabedoria aproxima a alma do conhecimento de Deus dentro de si.
    e. Deus é o teor mais puro da Sabedoria.
7º. Há três tipos de sabedoria para aquele que busca a Beatitude:
    a. Sabedoria disposição divina a que leva a Beatitude.
    b. Filosofia ou Sabedoria a serviço de Deus. Verdadeira sabedoria no âmbito terreno com conteúdo cristão.

c. Filosofia dos antigos ou conhecimento herético. Toda Filosofia que não é cristã, o que inclui a filosofia grega pagã.

8º A sabedoria possui níveis.

9º A sabedoria necessita ser desenvolvida.

10º Cada indivíduo possui um nível de sabedoria.

11º A busca da Sabedoria é um processo.

d. Se a sabedoria leva ao sumo bem e o sumo bem leva à felicidade.
e. O fim da felicidade é encontrar a Beatitude.
f. Sumo bem é comum a todas as almas.
g. Pois todas as almas almejam um fim, que é a felicidade.
h. A Beatitude pode ser alcançada por todas as almas.
i. Pois a alma tem a habilidade de conhecer e reconhecer através da razão.
j. O cultivo da razão e o desenvolvimento da sabedoria leva a alma a Beatitude.
k. A Sabedoria é necessária e universal.

Agostinho deixou seu legado Filosófico harmonizando Filosofia com doutrina. Estes dois vieses levam à Sabedoria de origem divina, que é capaz de aplacar o sofrimento terreno e levar o homem à Felicidade e à Beatitude. Sabiamente, inseriu o ideal Cristão como uma ponte entre a ciência e a sabedoria terrena em direção à Sabedoria divina, assim como Cristo é carne e Espírito, o homem está dividido entre o domínio sensível e o domínio inteligível.[32] A busca por este conhecimento implica em angariar requisitos essências na busca pela Sabedoria, além da fé, podemos elencar: o estudo com afinco ou contemplação, a sabedoria verdadeira, a temperança, a coragem, a justiça, a piedade e a boa memória, são estas também as qualidades necessárias para o Filósofo, contudo dentre todos os requisitos o mais importante para Agostinho continua sendo a fé na presença desta Sabedoria. Agostinho foi movido pela fé quando se converteu ao catolicismo, e foi a mesma fé aliada a Filosofia, através da contemplação, que o ajudou a desvencilhar-se do orgulho e o motivou a manter seu amor à Sabedoria.

[32] PLATÃO, 2014, 509 d7.

A ação é movimento da vida diária – sabedoria para a vida prática – '*phronesis*'. O fim é levar a contemplação. Atingir a Sabedoria é reconciliar-se com o Criador. '*Episteme'*.

O legado agostiniano continua cativando o universo filosófico, sua retórica e seus diálogos elucidam questões que suscitam reflexão, dentre elas a Sabedoria como ferramenta para buscar a Felicidade e alcançar a Beatitude, tema indispensável para aqueles que pelejam no caminho da fé, da esperança e do amor ao conhecimento. As verdades sobre a Sabedoria continuam universais, necessárias e imutáveis, um mistério que depende do reconhecimento, conhecimento e autoconhecimento da alma. Para Agostinho, *a busca primária*, questão de entender que Deus está no interior do homem, atuando através da razão; indo para uma *busca secundária*, razão iniciando sequência do processo de desenvolvimento da sabedoria através da ciência que visa a sabedoria verdadeira, para poder explorar outros patamares do conhecimento, os quais iniciam com a opinião, as questões sensíveis do mundo que nos cerca, '*physis'*, ou natureza, e seguem até o domínio inteligível, das questões abstratas e metafísicas. Para os filósofos de viés não cristão, é uma investigação sobre o autoconhecimento, na concepção agostiniana, que visa a *busca secundária*. Neste interim o que estimula o conhecimento ainda é o espanto e a dúvida. Para aqueles que buscam a Sabedoria no âmbito ontológico e epistemológico, o processo é árduo e contínuo, e segundo Agostinho três verdades são necessárias: Fé para acreditar que a Sabedoria existe. Esperança para manter a temperança na busca da Sabedoria. Amor a Sabedoria, para que o processo do conhecimento seja prazeroso. Estas também são as verdades edificantes do filósofo.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **A Trindade.** Coleção Patrística Vol 7. Tradução Monjas Beneditinas, Mosteiro de Maria Mãe do Cristo – Caxambu (MG). São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira Santos e Ambrósio Pina. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. **O Livre Arbítrio.** Coleção Patrística Vol. 8. Tradução Monjas Beneditinas, Mosteiro de Maria Mãe do Cristo – Caxambu (MG). São Paulo: Paulus, 2015.

_____. **Patrística - Contra os Acadêmicos | A Ordem | A grandeza da Alma | O Mestre.** Coleção Patrística Vol. 24. Tradução Monjas Beneditinas, Mosteiro de Maria Mãe do Cristo – Caxambu (MG). São Paulo: Paulus, 2015.

_____. **Sobre a potencialidade da alma**. Tradução Jensen Aloysio de Faria. São Paulo: Editora Vozes de bolso, 2013.

_____. **Solilóquios.** A vida feliz Vol. 11. Tradução Adaury Fiorotti. Ed 5. São Paulo: Paulus, 2014.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco.** Tradução do grego de Antônio de Castro Caeiro. São Paulo. Atlas. 2009.

GILSON**,** Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho.** Tradução: Cristiane Negreiros Ayoub. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GILSON; BOEHNER. **História da Filosofia Cristã:** desde as origens até Nicolau de Cusa. Tradução: Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1988.

PLATÃO, **A República.** Tradução: J. Guinsburg. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.